

111

# QUE FUTURO PARA VELHOS TRINADOS?

## PORTAS ABERTAS NO CONSERVATÓRIO

# FALTAM UNHAS PARA GUITARRAS

2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

A guitarra portuguesa é considerada o mais importante instrumento solista no âmbito da nossa música popular urbana. Tem curso no Conservatório. Só faltam alunos interessados e professor.

«Se aparecerem alunos a inscrever-se, teremos de contratar um professor e até pode acontecer que o curso comece a funcionar a curto prazo», declarou a «A Capital» o professor Lopes e Silva, membro da Comissão Directiva do Conservatório de Lisboa, docente de música e também instrumentista, nomeadamente de guitarra portuguesa.

A consagração do referido curso — tal como os de bandlelim e de acordeão, este bom perspectiva de arranque próximo — a nível do ensino oficial, resulta da crescente defesa, feita por muitos, dos instrumentos populares e da reforma do ensino da música com um diploma de 1983. No entanto, quando a oficialização (desejada por muita gente como solução ideal para a formação de novos instrumentistas) se concretizar, haverá, tudo o indica, acesas polémicas nos meios guitarísticos.

Trata-se agora de ultrapassar a mais que conturbada fase do «ensino directo, de professor para aluno, do instrumento para a música, do instrumento para a música, de um ensino oral e até da «auto-aprendizagem» para outra, de um «ensino sistematizado e científico como nos outros instrumentos». Mas há mais. A alteração dos métodos de ensino, a delimitação de afinções, o aparecimento de peças compostas para o instrumento por compositores da chamada «música séria», poderão também conduzir à mudança das técnicas de execução do instrumento o das suas tradicionais características.

«Quem acabar o curso, antes do mais será músico, embora tendo a especialização de guitarra portuguesa a quem poderia ter do qualquer outro instrumento», informou Lopes e Silva, se-

gundo o qual não está perfeitamente definido se o curso funcionará apenas a nível do ensino Secundário se, também, do Politécnico, organizado já em escolas superiores em regime de insatuação, que tornará os novos professores de música e educação musical do sistema escolar português.

**«Lição» em Coimbra**

Entretanto, em Coimbra, o panorama parece bastante mais animador, talvez por razões que têm a ver com a vivência estudantil e a tradição em fase de reavivamento e o espírito de amador.

«Esperamos que a partir de Outubro próximo comecemos a funcionar no âmbito do Conservatório um curso livre de guitarra portuguesa», declarou a «A Capital» o dr. António Rodrigues Costa, chefe dos Serviços Culturais da Câmara Municipal da cidade.

Este curso livre de guitarra portuguesa numa escola oficial de música é o corolário de um movimento surgido no final dos anos 70 em defesa (em certos por vezes polémicas) do fado e da guitarra, em seminários dedicados ao assunto, envolvendo antigos estudantes, organismos artísticos da Academia e também a própria Câmara.

Num desses encontros foi deliberado criar uma escola de fado e guitarra no âmbito dos Serviços Culturais da Câmara, a qual passou a funcionar no Edifício Chiado.

«Havia em média, todos os anos, cerca de 200 inscrições, mas só tínhamos capacidade para aceitar 40», disse Jorge Gomes, um guitarrista amador que à nova escola, como docente, deu o melhor do seu esforço.

Segundo Jorge Gomes, a grande maioria dos novos guitaristas «aprendeu para se distrair em casa. Menos de um percento decidiu avançar com a formação de grupos e apresentá-los em espectáculos, acrescen-

Paralelamente, um outro grupo criou uma Secção de Fado, integrada na Associação Académica de Coimbra, cuja finalidade com a escola do Chiado foi bem conhecida. Embora menos importante, esta nova escola não deixou de formar novos intérpretes, tanto da guitarra como de fados.

**Preferências e postos**

Para Carlos Paredes — expoente maior dos guitaristas de sempre — «sem a juventude não haverá futuro para a guitarra portuguesa».

«Acabará por morrer se não aliciar a juventude, cada vez mais aliciada para outros instrumentos», preveniu.

Carlos Paredes recordou a propósito que a guitarra inglesa, ascendente directa da portuguesa, foi «muito popular praticamente em toda a Europa até há cerca de 200 anos, mas acabou por desaparecer».

«Por diversas razões fixou-se em Portugal mas se houver uma crise grave e a guitarra portuguesa for incapaz de atingir a juventude, é porque estará a haver uma alteração profunda dos gostos musicais das pessoas e nesse caso há motivo para preocupações», adiantou.

Segundo um dos vendedores da mais importante empresa de Instrumentos musicais de Lisboa, com lojas no Chiado, os jovens portugueses «o que procuram é a vitória».

«A guitarra portuguesa — acrescentou — é muito comprada especialmente por turistas estrangeiros, velhos e novos, que levam também método para aprender. Os compradores portugueses são geralmente pessoas dos 30 anos para cima».

Para este vendedor «não é o preço que justifica a diferença de vendas» — uma guitarra portuguesa barata custa entre 15 e 20 euros, pouco mais do que uma viola do mesmo nível — «mas os gostos da juventude».

**Guitarra em «play-back»**

Segundo o guitarrista de Lisboa, Jorge Fontes, «havendo uma crise profunda como há no fado e guitarra também apañha». «Não digo que o fado e a guitarra venham a desaparecer, mas se não houver processos de interessar os jovens, a crise vai agravar-se ainda mais», acrescentou Jorge Fontes, segundo o qual não estão a aparecer guitarristas em quantidade e qualidade suficientes para as novas casas que vão abrindo tanto em Portugal como no estrangeiro.

Para um dirigente do Sindicato dos Músicos, «a guitarra portuguesa está de facto em crise e o número de guitaristas até tem vindo a diminuir, porque não há Conservatório e cada vez menos quem ensine».

A mesma fonte acrescentou que «os vencimentos são em geral baixos, sem segurança social e por isso os potenciais guitaristas preferem dedicar-se a outra profissão».

«Há cada vez mais casas de fado que utilizam o «play-back» e isto é mais uma forma de afastar os guitaristas do trabalho», acrescentou o mesmo dirigente do Sindicato dos Músicos, que observou, por outro lado, o facto de estarem a aparecer «mais fadistas» especialmente por causa de um certo renascer do «fado vadio».

«Quem não tem problemas são os violistas», disse ainda a mesma fonte.

**«Guitaristas suficientes»**

Por seu turno, o professor Martinho da Assunção, conhecido e respeitado violista de Lisboa, constata que «a juventude anda arredada do fado».

Segundo Martinho da Assunção, o nível dos violistas tem vindo a melhorar pois «aparece gente que estudou música que teve escola de guitarra clássica».

«Como novos guitaristas — acrescentou — tem aparecido muito gente, mas entre os novos talvez não haja mais de dois ou três com real qualidade».

Para Martinho da Assunção as casas típicas em que se canta o fado e toca guitarra portuguesa têm aparecido mais do que os guitaristas, pelo que «não é difícil arranjar trabalho mesmo que não se toque nada de especial».

Optimista é, pode dizer-se, a opinião que Pedro Caldeira Cabral tem acerca do futuro da guitarra portuguesa.

«Em Lisboa — disse — numa houve tão bons guitaristas novos no activo e dos novos encontro gente como Arménio de Melo, Alcino Frazão, José Luis Nóbrega Costa, António Parrela, João da Veiga».

«Há os suficientes para o mercado português que há», acrescentou o conhecido artista.

**Sempre mais público**

Enquanto, por um lado, os jovens não respondem suficientemente às novas possibilidades de aprendizagem da guitarra portuguesa, este instrumento ganha cada vez mais prestígio, tanto interno como externo.

Carlos Paredes, que recorda o êxito que há muitos anos tinham já espectáculos em que actuava o seu pai Artur Paredes, Armandinho e outros, enche hoje, por si só, salas, tanto em Portugal como lá fora.

«O que há agora é uma nova forma de organização do espectáculo, tanto da guitarra como dos restantes instrumentos», disse para justificar que o instrumento tem público assegurado desde há muitas décadas.

Ensino Artístico - Conservatório

ENSINO GERAL

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

Mais novo, também Pedro Caldeira Cabral tem uma acção cada vez maior. «Do Norte ao Sul do País casa onde haja um concerto é casa cheia», disse Caldeira Cabral, adiantando, porém, notar ainda mais agrado pela guitarra portuguesa no estrangeiro do que em Portugal. «O que há é poucos guitarristas preparados tecnicamente para responderem às solicitações que há», disse ainda Pedro Caldeira Cabral, referindo-se à existência de «um mercado de concertos».

Por outro lado, são também conhecidas as incursões da guitarra portuguesa em várias formas de música, além das tradicionais variações. E são muitos os exemplos.

Como ignorar o êxito enorme da colaboração entre o guitarrista António Chaiinho e o saxofonista Rão Kyao em «Fado Bailado»?

Carlos Paredes toca ao vivo para um grupo de ballado do nível do Grupo Gulbenkian, mas também já foi possível observar este e outros artistas em diálogo com diversos instrumentos em peças de jazz.

Da guitarra portuguesa — instrumento que em muitas ocasiões tem surgido como solista em orquestras — não poderá dizer-se que é só fado, embora seja certo que dá ao fado características essenciais.

Curiosamente, a guitarra portuguesa já aparece no «rock», como nos foi salientado por vários interlocutores.

«Se que deram-lhe uma afinação diferente, tipo guitarra

«folk» de 12 cordas e perdeu o som do fado» observou um vendedor de instrumentos musicais, filho de guitarrista e muito interessado por estas matérias.

Japoneses pesquisam

Curiosamente, a guitarra portuguesa está a ser alvo do interesse de japoneses, como nos disse o mesmo vendedor.

«Chegam aqui e levam tudo quanto respeite ao instrumento desde as próprias guitarras até aos métodos de ensino», informou a mesma fonte, seguindo o qual a guitarra portuguesa «não tem, neste momento, um grande mercado, mas se um dia tiver talvez eles já estejam em condições de se lançar na produção».

Refira-se que a guitarra portuguesa é um instrumento do agrado do público japonês e têm tido enorme sucesso os guitarristas portugueses que se têm deslocado a esse país do Extremo Oriente.

«Talvez não seja por acaso que um cantora japonesa veio a Portugal gravar um disco com fados de Amália acompanhada pelo Chaiinho», comentou uma das fontes contactadas por «A Capital».

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Dic
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Ensino Antiquo - Conservatório